

GT 2 - JOVENS, FAMÍLIA E PARENTALIDADE

Receberá trabalhos que discutam relações e vínculos amorosos; relação sexual; gravidez na adolescência; saída da casa dos pais; paternidade e maternidade na juventude; casamento e arranjos afetivos; violência doméstica; relações de gênero.

Coordenadora:

Profa. Dra. Liciana Cabral Caneschi

A VACINAÇÃO DE MENINAS CONTRA O HPV E A REAÇÃO DAS MÃES

*Ana Luísa Lana Pinto – PUC/MINAS – BH
analulana@gmail.com*

O tema do presente artigo originou-se do projeto de pesquisa a ser desenvolvido no Programa de Pós- Graduação em Psicologia da PUC/MINAS e nasceu de indagações surgidas a partir dos efeitos da campanha nacional de vacinação contra o HPV em meninas de 09 a 13 anos. Tais efeitos envolveram as meninas e suas mães, de diferentes maneiras.

A vacinação contra o vírus HPV se tornou uma política pública de saúde no Brasil a partir da lei nº 12.401 de 28 de abril de 2011, que dispõe sobre a assistência terapêutica e a incorporação de tecnologias em saúde no âmbito do SUS.

Esta vacina contra o HPV (Papiloma Vírus Humano) foi disponibilizada no Brasil à população através da Campanha Nacional de Vacinação, do Ministério da Saúde, lançada em 2013 e iniciada em Março de 2014. O esquema de vacinação ocorre em 3 doses e será oferecido a cada ano no intervalo de 6 e 60 meses (ou seja, 5 anos) após a primeira dose. Então, as campanhas de vacinação ocorrem pelo menos 2 vezes ao ano, convocando as meninas da faixa etária indicada a se vacinarem.

A vacina contra o HPV previne principalmente o câncer de colo de útero, que acomete as mulheres. Por isto, a vacinação foi direcionada para as meninas, na idade de 9 a 13 anos, momento em que a vacina é considerada mais eficaz. O câncer do colo do útero é o segundo tipo de câncer que mais acomete as mulheres no Brasil, depois do câncer de mama. O exame de Papanicolau, preventivo deste câncer, só começa a ser realizado na rede pública de saúde para jovens de 21 anos. A vacina contra o HPV, então tem uma função importante pois atinge adolescentes de uma faixa etária que ainda não tiveram acesso a este exame. Além disto, protege as meninas contra alguns outros tipos de câncer.

Apesar de ser considerada uma vacina segura e sem maiores efeitos colaterais, a mídia divulgou alguns casos de reações à vacinação que repercutiram na população, principalmente nas mães e nas meninas. Elas apresentaram sintomas como desmaios e paralisias corporais. Em uma escola do interior de São Paulo, dez meninas desmaiaram ao mesmo tempo. Em outra cidade, o relato da mãe de uma menina que desmaiou foi de que ela “desmanchou feito gelatina”. A forma como estes sintomas se apresentam e os relatos das mães caracterizam, para a psicanálise, um quadro de histeria, reversível e tratável. Mas houve receio por parte das mães de que este quadro levasse a paralisia permanente, o que foi negado como possibilidade pelas autoridades de saúde. Foram criados blogs e comunidades virtuais contra a vacina na internet.

Na segunda etapa da vacinação, houve uma queda significativa na procura pela vacina. Nossa hipótese primeira é de que a vacina cria no imaginário das mães a ideia de que a vida sexual da filha terá início devido à significação de conteúdo sexual que acompanha a vacina.

Então, o objetivo do projeto é, a partir do referencial teórico da psicanálise, investigar o discurso das mães acerca da vacinação contra o HPV e da consequente reação de suas filhas à mesma.

Pretendemos fazer uma pesquisa bibliográfica na psicanálise, a respeito da relação mãe e filha e do despertar para a sexualidade.

Pretendemos ainda contextualizar historicamente a campanha de vacinação contra o HPV (Papiloma Vírus Humano) no Brasil, situando como ela se torna uma política pública de saúde.

A metodologia de pesquisa será qualitativa, tomando como base a investigação de fenômenos psicossociais através da pesquisa em psicanálise. O ciberespaço será o nosso campo de pesquisa. Analisaremos as comunidades virtuais cujo tema é a vacinação contra o HPV buscando extrair o discurso das mães a respeito da vacinação e suas consequências.

O referencial teórico da pesquisa será a psicanálise. Estudaremos a relação mãe e filha deste ponto de vista e o despertar para a sexualidade, que traz uma série de consequências para esta relação.

As meninas são convocadas a se vacinar em um momento delicado de suas vidas, no qual, assim como a separação dos pais, o real do sexo se apresenta. São passagens que trazem sofrimento. Para a mãe também há perdas e grandes dificuldades de lidar com as transformações físicas e psíquicas da puberdade. A vacinação contra o HPV acontece neste momento conturbado, operando um curto circuito entre a fantasia e o sexual em si.

A relação mãe e filha possui uma especificidade, que diz respeito à dificuldade da menina de se separar da mãe, aspecto considerado por Freud, em seus últimos textos, crucial no desenvolvimento sexual da mulher. O caminho para a sexualidade feminina envolve uma intensa e prolongada duração da ligação da menina com sua mãe, ligação exclusiva que ele chama de pré- edípica e que terá uma grande significação na vida de uma mulher.

Os termos complexo de castração e inveja do pênis são importantes para se compreender esta relação.

O primeiro objeto de amor, para o menino e para a menina, é a mãe. Eles se liam a ela pelos cuidados maternos iniciais e através do seio materno. O menino manterá este objeto no caminho para a sua escolha definitiva. Já a menina passará por uma dupla perda no caminho para tornar-se mulher: deixar a mãe como objeto de amor para ligar-se ao pai e abandonar a sexualidade ativa.

O complexo de castração é vivenciado, na menina e no menino, pela verificação da diferença anatômica entre os sexos.

Através da falta de pênis e da inveja que isso suscita na menina é que Freud vai elaborar o complexo de castração da menina e seu consequente complexo de Édipo. No menino, a angústia de castração motiva o abandono tanto da mãe quanto do pai como objetos de amor. A falta da angústia de castração motiva a dificuldade da menina de elaborar seu Édipo. Deste, ela sai lentamente ou nunca chega a realmente sair. A menina, segundo Freud, “pode refugiar-se na situação edípica e nunca mais deixar o pai” (1932).

A inveja do pênis é considerada por Freud o aspecto mais marcante da sexualidade da mulher, explicando a especificidade feminina. A menina não aceita sem hesitação o fato da castração. Ela acha que um dia possuirá um órgão igual ao do menino. “A inveja do pênis deixará marcas indeléveis em seu desenvolvimento”, segundo Freud (1932).

Inicialmente, para Freud, a questão da separação da menina de sua mãe é relacionada ao fato de esta tê-la trazido ao mundo sem pênis. “Uma menina ressent-se de a mãe tê-la trazido ao mundo como uma mulher” (1931). A mãe, por sua vez, não se ressent de ter dado à luz uma menina e a hostiliza, como talvez sua mãe tenha feito com ela. A menina volta-se ao pai, para receber dele o que a mãe não lhe pode dar. No caso da menina, a castração precede o Édipo e não é consequência dela, como no menino. Atrás da relação intensa vivida com o pai há uma relação intensa vivida com a mãe, anterior. Há uma “quantidade e uma intensidade do relacionamento sexual da menininha com sua mãe”, que não seria exagerada. Freud destaca a relação duradoura entre mãe e filha ao constatar que “onde a ligação da mulher com o pai era particularmente intensa, ela fora precedida por uma fase de ligação exclusiva à mãe, igualmente intensa e apaixonada” (1932).

Na adolescência, um outro tipo de separação é vivenciado pelas meninas: a separação dos pais da infância e a busca pelos pares. É o momento também de reedição do despertar para a sexualidade, iniciado na infância.

As meninas que são público alvo das campanhas de vacinação estão, de acordo com as teorias psicanalíticas, vivendo este momento. A vacinação contra o HPV evidencia a questão da sexualidade pelas características de transmissão e prevenção da doença. As especificidades da relação mãe e filha também fazem parte deste cenário. Por isto, torna-se importante estudar sobre o despertar da sexualidade na adolescência para fundamentar nossas hipóteses.

O despertar da sexualidade é utilizado, para a psicanálise, “não só para designar a passagem da vida onírica para a vida de vigília mas também como o momento de encontro com o real da sexualidade”. (RAMIREZ, 2014).

A descoberta da sexualidade acontece, de acordo com Freud, nos “Três Ensaio sobre a sexualidade” (1905), ainda para a criança. Mais tarde, no entanto, o adolescente refaz o conhecimento que tem de seu corpo. “A sexualidade, no momento da puberdade, interrompe o sono de um Édipo adormecido. O sujeito tem agora a possibilidade e a maturação biológica suficiente para colocar em ato seu desejo Edípico”. (ALBERTI, 1999).

Freud descreve a puberdade e as transformações corporais e psíquicas que a acompanham. O período pubertário é para ele “um abrir de túnel pelos dois lados” (1905). É o encontro traumático com o real do sexo, que escapa ao simbólico e presentifica a ausência da relação sexual.

Para LACADEE (2011),

“A adolescência é um momento de transição em que se opera uma desconexão no sujeito entre seu ser de criança e seu ser de homem ou de mulher. Para Freud, a tarefa do adolescente é a de “destacar-se da

autoridade de seus pais”, sendo isso, em seus termos, “um dos efeitos mais necessários e também mais dolorosos do desenvolvimento”.

STEVENS (2004) retoma a idéia de Freud de que a adolescência é um sintoma da puberdade. A puberdade, descrita por Freud em 1905, é o momento em que certas escolhas, já iniciadas na infância, vão ser feitas: as escolhas de objeto, e as escolhas de sexualização. A puberdade seria um dos nomes da inexistência da relação sexual, da dificuldade de saber o que fazer com o nosso sexo. A adolescência aparece como resposta sintomática possível ao surgimento de um real próprio da puberdade. Mais do que as transformações hormonais e anatómicas do corpo, o real da puberdade relaciona-se a uma modificação imaginária do corpo, cujo órgão sexual é marcado pelo discurso. Cada um tentará inventar a sua própria resposta.

As pesquisas iniciais realizadas nas comunidades virtuais revelaram algo do discurso das mães a respeito da vacinação e suas consequências.

1) JORNAL O IMPACTO

HPV – Vacina para meninas começa hoje, mas causa polêmica

Alguns pais acham que proteção contra vírus HPV pode despertar interesse de garotas por sexo

INTERESSE PRECOCE POR SEXO

Alguns pais temem, no entanto, que a estratégia do Ministério da Saúde acabe ‘despertando’ o interesse de meninas pelo sexo. A dona de casa Mariustela Leite Soares, 53 anos, ficou impressionada quando soube que a filha, Júlia, 12, estava no público para quem a vacina é indicada. Ela ainda não sabe se vai autorizar a imunização.

2) JORNAL GOSPEL VIRTUAL

Pais Evangélicos Boicotam Vacinação Contra HPV; Mães Temem Promiscuidade de Filhas

Pastores conservadores pretendem boicotar a vacinação e, talvez, a saúde das filhas

A partir do dia 10 de março deste ano, meninas entre 11 e 13 anos vão poder vacinar-se na rede pública de saúde contra quatro tipos diferentes do Papiloma vírus, o agente causador do HPV, uma das doenças sexualmente transmissíveis mais frequentes em todo o mundo.

Em imagem de jornal de Vitória/ES que circula na internet, religiosas afirmaram que “a melhor prevenção [contra o HPV] é a fidelidade”. Preocupadas com o que acreditam ser um possível “incentivo à iniciação sexual” das meninas, as mulheres não vão permitir que as filhas recebam as doses da vacina porque “elas se sentiriam imunizadas e tentariam experimentar o novo”, como disse uma das entrevistadas.

A filha do empresário rio-pretense Gilmar Ribeiro, 39 anos, completa em breve 11 anos. Mas ele não pretende vaciná-la. “Minha filha é direita, teve uma excelente educação dentro de casa. Tenho medo de que essa sensação de proteção possa atrapalhar as orientações que demos a ela”, diz.

O técnico em telefonia Edson Julio de Bianchi, 47, tem opinião parecida. “Minha filha tem 16 anos, mas se tivesse entre 11 e 13 eu não vacinaria. A impressão que eu tenho é de que o governo federal está insinuando que essas adolescentes são todas promíscuas”, afirma.

Ambos são membros da Igreja Cristã Presbiteriana, cujo pastor, Afonso Martins Fernandes Neto, também é contrário à campanha do Ministério da Saúde. “Em vez de obrigar as adolescentes a se vacinarem, o Estado deveria levar mais conhecimento a essas meninas, para que não caiam na promiscuidade”, argumenta.

A pastora e psicanalista Raquel Diniz Jantorno, 38 anos. Mãe de duas garotas com 10 e 3 anos de idade, diz que não permitirá que as filhas recebam a vacina quando tiverem idade ideal.

“Não tenho nada contra o cuidado do Ministério da Saúde com o povo brasileiro, mas acho que essa vacina é desnecessária. A melhor forma de prevenir Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) é a fidelidade no casamento. Essa é uma idade em que os hormônios estão à flor da pele e tudo desperta curiosidade” afirma.

3) BLOG DA FAMÍLIA- RESGATANDO A ESSÊNCIA DA FAMÍLIA CRISTÃ

“A partir do dia 10 de março deste ano, o Governo Federal tem a meta de vacinar contra o vírus do HPV, meninas na escola entre a idade de 11 a 13 anos. Acontece que este vírus é transmitido principalmente por via sexual. Então porque nossas filhas teriam que receber esta vacina? Existem mais de 100 tipos do vírus HPV, a vacina imuniza somente 4 tipos.”

Os países cristãos investem na educação de suas filhas orientando-as para a vivência da castidade. Não só investem como acreditam no potencial delas de fazerem escolhas acertadas no exercício da sexualidade. A castidade é a “vacina” 100% eficaz para proteção contra toda espécie de vírus que é transmitida por via sexual.

Estes depoimentos são baseados em entrevista com o médico Rodrigo Lima, na coluna da jornalista Cláudia Collucci (Folha de São Paulo), que diz:

A transmissão do HPV é sexual, e basta o contato íntimo mesmo sem penetração para que a passagem do vírus aconteça. Então a melhor maneira de evitar a transmissão seria a abstinência sexual (tem até um estudo clássico neste tema que descobriu que freiras não têm câncer de colo uterino).

Como a abstinência não costuma ser uma prática muito popular então a gente tem que pensar em outra coisa.

4) SOU CONTRA O HPV



A pesquisa ainda não foi concluída, mas à primeira vista o material colhido parece confirmar a nossa hipótese primeira, qual seja: a idéia das mães de que a vacina anteciparia o início da vida sexual das meninas, devido ao conteúdo sexual a que remete.

As campanhas de vacinação contra o HPV entraram no calendário do Ministério da Saúde enfatizando mais especificamente a prevenção do câncer do colo do útero, considerando a idade de 9 a 13 anos como a mais propícia à eficácia da vacina.

No entanto, as especificidades subjetivas das meninas nessa idade e suas implicações na relação com as suas mães parecem ter sido pouco consideradas para a eficácia deste empreendimento. Apesar do processo de sensibilização para a vacinação, não foi possível evitar uma baixa adesão à segunda etapa da campanha.

Assim, a relevância social desta pesquisa de Mestrado, encontra-se na possibilidade de trazer à luz o que se passa entre uma menina e sua mãe no momento em que são convocadas pelos Agentes de Saúde para a vacinação contra o HPV.

Partimos do pressuposto de que, as questões em jogo na relação mãe e filha no momento do despertar da sexualidade, podem contribuir para o entendimento da baixa adesão à vacinação do HPV, propiciando novas formas de abordagem das mães e das filhas para a vacinação e novas campanhas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Sônia. *Esse Sujeito Adolescente*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1996.

ANDRE, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Zahar. 1986.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: FREUD, Sigmund. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIX.

FREUD, Sigmund. Sexualidade Feminina (1931). In: FREUD, Sigmund. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.XXI.

FREUD, Sigmund. Conferência XXXIII – Feminilidade (1933[1932]). In: FREUD, Sigmund. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXII.

GALLO, H. e RAMIREZ, M.E. El Psocoanálisis Y La Investigacion em La Universidade. Buenos Aires: Grama Ediciones. 2012.

LACADEE, P. O Despertar e o Exílio. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2011.

Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Sexualmente Transmissíveis. Guia Prático Sobre o HPV: perguntas e respostas. 2014.

Ministério da Saúde. Lei nº 12.401 de 28 de abril de 2011.

STEVENS, A. Adolescência, sintoma da puberdade – Revista Curinga – Escola Brasileira de Psicanálise. 2004.

ZALCBERG, Malvine. A Relação Mãe e Filha. Rio de Janeiro: Elsevier. 2003.

FAMÍLIA, IGREJA, ESCOLA: HOMOFOBIA NAS INSTITUIÇÕES SOCIAIS

João Elton de Jesus¹

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de abordar a relação entre a juventude homossexual e as instituições sociais consideradas tradicionais como a escola, a família e a Igreja onde verifica-se uma forte presença da homofobia. Diante da situação de preconceito e opressão, observa-se uma maior organização dos movimentos e indivíduos LGBTs na busca de respeito, reconhecimento e acesso a direitos. Essas ações se dão nas mais diversas formas, seja na apropriação de espaços públicos, da maior visibilidade nos meios de comunicação ou por meio de políticas públicas que garantam os direitos das pessoas não heterossexuais.

Palavras-chave: juventude, homossexualidade, sociedade, homofobia

Abstract: This paper aims to study the relationship between homosexual youth and social institutions which are considered traditional as school, church and family, where exists a homophobia strong presence. In the face of prejudice and oppression situation, it is observed the rising of organization of movements and LGBT individuals for more Respect, recognition and access Rights. These actions happened in various shapes whether in the appropriation of commons spaces, in the greater media visibility or through public policies that guarantee the rights of persons non-heterosexuals.

Keywords: Youth, Homosexuality , Society, Homophobia

INTRODUÇÃO

A juventude está para além de uma concepção essencialista, uma estratificação etária ou uma definição naturalizada, homogênea e estática. O ser jovem não pode ser reduzido a uma conceituação estritamente psicológica, fisiológica ou desvinculada da cultura e do contexto ao qual está inserido.

Desta forma, a juventude pode ser denominada por aquilo que a sociologia chama de categoria social. Trata-se de uma “representação simbólica e situações sociais com suas próprias formas e conteúdo que tem importante influência na sociedade moderna”²

Os jovens são condicionados pelo seu redor. Aspectos como classe social, grupo étnico, nacionalidade e contexto histórico influenciam no comportamento e, portanto, na formação de culturas juvenis com suas diversas especificidades.

1 Formado em Administração com ênfase em Marketing pelas Faculdades Anhanguera. Graduando em Filosofia na Faculdade de Filosofia e Teologia – FAJE e Pós graduando em Juventude e Mundo Contemporâneo pela FAJE. E-mail: joao.elt@gmail.com

2 GROPPPO, Luiz Antônio. *Juventude – Ensaio sobre sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: Difei, 2000, p.8.

Tendo em vista a diversidade de símbolos, comportamentos, subculturas e sentimentos entre os jovens, a juventude deve ser dita no plural. É importante ressaltar que “a juventude também é vivida diferentemente em cada um dos gêneros, mesmo quando se trata de um indivíduo de uma mesma classe ou estrato social, do mesmo ambiente urbano ou rural, etnia, etc.”³.

Ganhando notoriedade na segunda metade do século XX e uma maior evidência no início do segundo milênio, os jovens de condição homossexual se apresentam como uma importante parcela dentro da categoria social de juventude.

Na década de 50 em meio à legislação dos Estados Unidos que proibia relações homossexuais e vedava o coito aos menores de dezoito anos, a pesquisa do estadunidense Albert Charles Kinsey surpreendeu a sociedade daquela época quando revelou que 13% das mulheres e 37% dos homens entrevistados relataram ter alguma experiência sexual com pessoas do mesmo sexo.⁴

Embora tenha acontecido muitos avanços no que concerne à sexualidade humana, a homossexualidade só foi tirada da lista de doenças pela OMS em 1990. Um ano depois, a Anistia decretou a discriminação contra homossexuais uma violação dos direitos humanos.⁵ No Brasil “desde o início da década de 1980, assistimos (...) a um fortalecimento da luta pelos direitos humanos de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais”⁶.

Tendo como marco a criação da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis em 1995, diversas entidades surgiram nos últimos anos para reivindicar direitos e respeito às pessoas não heterossexuais. Nesse contexto, destacam-se, também, ações de maior alcance midiático como as Paradas do orgulho LGBT realizadas em diversas cidades do país.

HOMOSSEXUALIDADE E SISTEMAS DE PODER (E SEGREGAÇÃO)

Para a filósofa estadunidense Judith Butler (1956-), a materialidade do sexo acontece por meio da imposição de uma ideologia que é construída processualmente através das relações e em constante dinâmica. Butler afirma que “o sexo é um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o “sexo”⁷

Na concepção de Butler, as normas que forçam a materialidade do sexo são reguladas

3 Ibid, pg. 16.

4 SENA, Tito. Os relatórios Kinsey: práticas sexuais, estatísticas e processos de normali(ti)zação. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278011145_ARQUIVO_ArtigoTitoSenaFG9.pdf>. Acesso em 17. jul.2015.

5 KOEHLER, Sonia. *Homofobia, Cultura e violências: a desinformação social*. Revista Interacções, Número especial, p. 131. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/3361>>. Acesso em: 21.jul. 2015.

6 BRASIL. *Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004..p. 15

7 BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivo do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (org). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Tradução Tomas Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 154.

por aquilo que ela chama de heteronormatividade que para ela são ‘normas que têm a finalidade de assegurar o funcionamento da hegemonia heterossexual na formação daquilo que pode ser legitimamente considerado como um corpo viável.’”⁸

Não obstante, sendo o sexo uma construção social “forçada” por uma ideologia heteronormativa, aqueles que não se enquadram nesse “esquema”, ou seja, os indivíduos que fazem uma ruptura com esse construto social, são considerados corpos abjetos, deslocados da sociedade, da existência “natural”, do direito a ser humano.

Dessa maneira, Butler afirma que a matriz das relações de gênero é anterior à emergência do humano. Para ela algumas afirmações, que também são reiteradas pelas autoridades da sociedade pautada pelas ciências, se inserem na linguagem e nas ideias de parentescos legitimando e reafirmando as normas estabelecidas. A autora oferece o seguinte exemplo “a interpelação médica (...) transforma uma criança, de um ser ‘neutro’ em um ‘ele ou em uma ela’. Nessa nomeação, a garota torna-se uma garota, ela é trazida para o domínio da linguagem e do parentesco através da interpelação do gênero.”⁹

Outra pesquisadora sobre sexualidade, Gayle Rubin (1949 –), afirma que a “sexualidade nas sociedades ocidentais tem sido estruturada dentro de enquadramentos sociais extremamente punitivos, e tem sido sujeita a controles formais e informais muito reais”¹⁰. Em seu texto “Pensamentos Sexuais”, Rubin afirma que há muitas ideologias de compreensão do pensamento sexual, uma delas é a chamada valorização hierárquica dos atos sexuais onde apresenta uma distinção entre o bom e o mau sexo.

Tendo como base sistemas de julgamento sexual como o religioso, o psicológico, o feminista, o socialista, entre outros, a valorização hierárquica dos atos sexuais define como bom sexo aquilo que é “normal, natural, saudável e seguro”, ou seja, os atos sexuais heterossexuais, realizados dentro de casa, em um casamento monogâmico e com fins reprodutivos. Por outro lado, o “mau sexo” é considerado anormal, não-natural, doentio e pecaminoso, nesse “grupo de indivíduos abjetos” estão os travestis, transexuais, fetichistas, sadomasoquistas, aqueles que fazem sexo por dinheiro ou com pessoas de outras gerações (pedofilia).

Nessa valorização hierárquica dos atos sexuais, a maioria dos casos de homossexualidade são colocados em uma área intermediária entre o bom e o mal sexo. No entanto, nesse “limbo” ou área de contestação, há uma subdivisão, em que aproxima-se do “sexo bom” os casais não-heterossexuais que realizam seus atos sexuais dentro de relações de longo prazo e o fazem em casa. Já homossexuais considerados promíscuos, como as chamadas “lésbicas de bar” ou “homens gays na sauna ou no parque” estão mais próximos do “mau sexo”.

As ideologias que definem a sexualidade humana a partir de matrizes heteronormati-

⁸ Ibid, p. 171.

⁹ Ibid, p. 161.

¹⁰ RUBIN, Gayle. *Pensando o sexo*: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin_pensando_o_sex.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20.jan.2016.p. 14.

vas fazem com que as pessoas que não se enquadram “positivamente” na hierarquia dos atos sexuais sejam consideradas inumanos, corpos abjetos, vergonha da humanidade e por isso devem ser eliminadas, excluídas, invisibilizadas.

Desta forma a própria sociedade torna-se aquela que vai “vigiar e punir” aqueles que não se enquadram nas matrizes estabelecidas, mesmo que isso aconteça de forma inconsciente. Assim, nesse ambiente de definição do que é bom ou mal, está presente a violência para os “diferentes” ou os “desertores da ordem social”, dando motivo e força para que a homofobia possa acontecer.

Portanto, podemos afirmar a homofobia, definida como “rejeição, aversão, medo ou ódio irracional a todos os que manifestem orientação sexual ou identidade de gênero diferente dos padrões heterossexuais ainda aceitos como normativos na nossa sociedade”¹¹, como ato de violência, de extermínio, de destruição para aqueles que não se enquadraram nos sistemas e nas normas sexuais impostas pela sociedade majoritariamente heteronormativa com fortes influências de preconceitos machistas e excludentes.

HOMOFOBIA NAS INSTITUIÇÕES SOCIAIS

Os jovens são um dos principais grupos prejudicados pela cultura homofóbica que faz uso da violência física, simbólica e/ou psicológica por meio de atos como xingar, ridicularizar, apelidar, excluir do grupo¹². Tendo em vista que a juventude é uma fase da vida onde se constrói de forma mais evidente a personalidade, as subjetividades e os vínculos de grupo. Ser vítima de discriminação, especialmente a sexual, pode influenciar negativamente na vida dos jovens e das jovens em todas as suas dimensões constitutivas.

Nesse contexto de violência, as instituições sociais aparecem como o principal palco para a prática da homofobia. Uma instituição social “é uma estrutura relativamente permanente e marcada por padrões de comportamentos delimitado por normas e valores específicos. Possui finalidades próprias e estrutura unificada”¹³.

No arcabouço das instituições podemos classificar aquelas que são operativas como os órgãos públicos e aquelas que são regulativas, tais como a religião, a escola e a família. Essas últimas, tem o objetivo de regular e controlar as normas e padrões dos comportamentos individuais e assim definir as características das sociedades.

Tendo em vista as teorias apresentadas por Butler e Rubin onde a sociedade é pautada

11 KOEHLER, Sonia. *Homofobia, Cultura e violências: a desinformação social*. Revista Interacções, Número especial. p. 131. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/3361>>. Acesso em: 21.jul. 2015.

12 UNESCO. Resposta do Setor de Educação ao *bullying* homofóbico. – Brasília: UNESCO, 2013. Pg. 16. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002213/221314por.pdf>>. Acesso em: 17. jul. 2015.

13 LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Sociologia Geral*. 7ª edição. São Paulo: Atlas, 2010.

por uma matriz heteronormativa que classifica os atos sexuais em bons ou maus, eliminando aqueles que não se enquadram nessa perspectiva, podemos afirmar que a perpetuação, o controle e as punições para os “desertores” das normas sexuais são aplicados principalmente dentro dessas instituições.

Segundo a UNESCO, as escolas estão entre os espaços sociais mais homofóbicos que existem. No Brasil, “mais de 40% dos homens gays relataram ter sido agredidos fisicamente enquanto estavam na escola”¹⁴. O chamado *bullying* homofóbico pode causar depressão, ansiedade, perda de confiança, retração, isolamento social, culpa e distúrbios do sono. A pesquisa revela que jovens vítimas de homofobia têm maior probabilidade de autoflagelar-se, entrar num processo de depressão, fazer uso abusivo de drogas e álcool e pensar ou cometer suicídio.¹⁵

A obra “Juventudes e sexualidade” que apresenta resultados e reflexões a partir de pesquisa feita em 2004 com jovens de todo o país mostra o panorama da homofobia nas escolas brasileiras. De acordo com o levantamento, cerca de ¼ dos alunos afirmam que não gostaria de ter um colega de classe que fosse homossexual, sendo que os percentuais extremos dessas respostas ficam, aproximadamente, entre 31%, em Fortaleza, e 23%, em Belém, representando em números absolutos 112.477 e 43.127, respectivamente.

A pesquisa aponta que os homens, seguindo os paradigmas machistas e heteronormativos, são os que mais tem preconceito sobre o convívio com homossexuais, chegando a 45% em Vitória/ES. A homofobia entre os estudantes se dá principalmente de forma velada, por meio de referências preconceituosas que recorrem à linguagem pejorativa com o intuito de humilhar, discriminar, ofender, ignorar, isolar, tyrannizar e ameaçar.

Percebe-se que há uma falta de reflexão sobre gêneros e sexualidade nas instituições de ensino. Ainda é muito presente o binarismo (homem/mulher) apoiado na ideologia da heteronormatividade. Em muitas situações há a banalidade ou a “vista grossa” quando ocorrem fatos homofóbicos nas escolas “Muitos professores desempenham uma convivência não assumida com discriminações e preconceitos em relação a homossexuais, ao considerarem que expressões de conotação negativa em relação a esses seriam brincadeiras, coisas sem importância.”¹⁶

Em um país de religião majoritariamente cristã¹⁷ como é o caso do Brasil, pessoas homossexuais são vítimas de preconceitos e violências em igrejas protestantes e católicas. Observa-se com frequência comentários fundamentalistas nas Redes Sociais tanto de leigos quanto da hierarquia religiosa, sejam bispos, padres ou pastores.

14 UNESCO. *Resposta do Setor de Educação ao bullying homofóbico*. – Brasília: UNESCO, 2013. Pg. 16. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002213/221314por.pdf>>. Acesso em: 17. jul. 2015.

15 Ibid. p. 22

16 ABRAMOVAY, MIRIAM. *Juventude e Sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. pg. 289

17 IBGE. *População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de religião - Brasil – 2010*. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf>. Acesso em: 16. jul. 2015.

A prática homofóbica pode estar presente nos próprios ritos religiosos, tais como pregações, homilias ou preces¹⁸. Não obstante, a homofobia nas instituições religiosas pode acontecer de uma maneira mascarada e insidiosa. Muitas vezes, para amenizar a imagem homofóbica ou apresentar uma posição de suposta acolhida, algumas denominações incorporam as pessoas LGBT aos cultos e atividades pastorais.

No entanto, muitas vezes, essas iniciativas de acolhida disfarçam a chamada homofobia pastoral, que coloca as pessoas não-heterossexuais numa situação de inferioridade e pecado e que a partir do contato com os livros sagrados e com o “bom exemplo” dos líderes e demais membros da igreja, reestruturarão suas subjetividades e poderão “curar a homossexualidade” havendo assim uma regeneração moral e uma suposta libertação associada a uma entidade espiritual maligna.

No ambiente não-cristão, observa que países de regime de governo teocrático islâmico, muitas vezes tratam a homossexualidade com extrema repressão. Em muitos países do Oriente Médio e da África, ser homossexual ou expressar uma performance não-heterossexual pode ocasionar em ter membros amputados, ser apedrejado, estar sujeito a trabalhos forçados, à prisão perpétua e à pena de morte.

No que tange à instituição família, ainda verifica-se muitas resistências em relação à homossexualidade. Para Gustavo Bernardes, coordenador-geral de promoção dos direitos de LGBT da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, “existem muitas famílias que expulsam os filhos que se assumem homossexuais e existe ainda o entendimento errôneo de que homossexualidade e orientação sexual podem ser corrigidos por meio de agressões”¹⁹.

Segundo pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo²⁰ realizada em 2014, 72% dos entrevistados afirmam uma percepção positiva em relação à existência de preconceito em relação às pessoas homossexuais. Em dados divulgados no Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil²¹, em 2012, foram registradas pelo poder público 3.084 denúncias de 9.982 violações relacionadas à população LGBT, envolvendo 4.851 vítimas e 4.784 suspeitos. Houve um aumento de 166,09% de denúncias em relação ao ano anterior. Os números mostram que 61,16% das vítimas são jovens de 15 a 29 anos e quase 60% delas conheciam os violadores, sendo que 38,2% dos casos foram cometidos por algum familiar. A casa é o local de 38,63% das violações sendo que 25,54% foram realizadas na casa da própria vítima.

18 IHU. *Igreja tem prece contra 'ofensiva homofóbica'*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/543925-igreja-tem-prece-contra-ofensiva-homofobica>>. Acesso em: 16. jul. 2015.

19WALTER, Bruna Maestrini. *Violência contra gays começa em casa*. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/violencia-contra-gays-comeca-em-casa-27h630m9ljll6evmgo52ni3wu>>. Acesso em: 20.jan.2016.

20 FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. *Diversidade sexual e Homofobia no Brasil: intolerância e respeito às diferenças sexuais*. Disponível em: <http://novo.fpabramo.org.br/sites/default/files/PESQUISA_COMPLETA_Apres-LGBT-Total-mai09.pdf>. Acesso em> 20. jan. 2016.

21 BRASIL. *Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

NA CONTRAMÃO DA HOMOFOBIA

Tendo em vista que as instituições tradicionais não atendem as necessidades e expectativas dos jovens homossexuais, observa-se que estes começam a criar grupos específicos com suas características próprias bem como passam a ocupar lugares constituídos para acolher esse público de forma um pouco digna possibilitando a convivência com seus pares.

São em bares, lojas e as chamadas baladas gays os espaços de lazer e de tempo livre que os jovens homossexuais, principalmente no ambiente urbano “constroem suas próprias normas e expressões culturais, seus ritos, suas simbologias e seus modos de ser, que os diferenciam do denominado mundo adulto.”²²

O Brasil foi considerado pela consultora *Out New Global* como um mercado promissor no turismo LGBT devido ao crescimento de espaços chamados *Gay-Friendly* onde funcionários e lugares são formados para melhor atender ao público homossexual.²³

Na contra mão do preconceito e da exclusão, nota-se que a temática LGBT tem sido um dos principais agendamentos da mídia, chamada por alguns autores como o quarto poder. No Brasil, observa-se nos meios de comunicação tradicionais uma maior existência de personagens não heterossexuais, todavia há muitos paradigmas e preconceitos que precisam ser quebrados²⁴.

Com o advento da internet, jovens homossexuais passaram a ter voz e a melhor expressar a sua forma de viver e reivindicar direitos. Muitos blogs e páginas nas redes sociais são visitados por milhares de internautas. Canais de vídeos on-line ganham destaques com produções feitas por homossexuais que abordam a temática da homossexualidade.

No tocante às políticas públicas para jovens homossexuais, o documento *Brasil sem Homofobia*, defende a realização de projetos de prevenção da homofobia nas escolas e de estudos e pesquisa na área de direitos e sobre a situação socioeconômica de adolescentes LGBT além de propor a capacitação de profissionais de casas de apoio e de abrigos para jovens em assuntos ligados a orientação sexual bem como o combate à discriminação e à violência contra jovens homossexuais.

Nos últimos anos debate-se no Congresso e no Senado a temática sobre a criminalização da homofobia no Brasil. Nesse contexto há um processo conturbado e moroso, tendo em vista as posições, principalmente de parlamentares ligados à chamada “bancada evangélica”, de modo que alguns projetos foram arquivados.

22 CARRANO, BRENNER, DAYRELL. *Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros*. In: ABRAMO, Helena. Retratos da Juventude. Análise de uma pesquisa nacional. Instituto Cidadania – Fundação Perceus Abramo. São Paulo, 2005.p. 30.

23 UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Espaços Gay-Friendly ajudam no crescimento do turismo LGBT no Brasil*. Disponível em: <http://cet.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2349:espacos-gay-friendly-ajudam-no-crescimento-do-turismo-lgbt-no-brasil&catid=34>. Acesso em: 23. jul. 2015.

24 LARRAT, Symmy. *O beijo gay e a regulação da mídia*. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/o-beijo-gay-e-a-regulamentacao-da-midia-5903.html>>. Acesso em: 23.jul. 2015.

No entanto outras iniciativas têm sido debatidas nas plenárias públicas do país tal como o projeto 7582/2014 que tipifica crimes de ódio, preconceito e intolerância contra diferentes grupos incluindo entre eles as pessoas que possuem “atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero”²⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema da homofobia reflete uma falha na constituição da sociedade que é pautada por paradigmas extremamente excludentes e arbitrários que define, aquilo que é humano e inumano baseando-se em normas construídas a partir de uma visão machista e heteronormativa.

Nesse escopo, as Instituições Tradicionais como escola, família e religião apresentam-se como os principais lugares de violência para com as pessoas não heterossexuais, perpetuando, muitas vezes de forma punitiva e violenta, a cultura da segregação, da barbárie e da falta de tolerância.

Como categoria social, a juventude não pode ficar desamparada e suas especificidades devem ser levadas em consideração na pesquisa acadêmica e nas propostas de políticas públicas que garantam os direitos da juventude não heterossexual vítimas do preconceito e da falta de informação.

Observa-se que a temática sobre juventude e homossexualidade apresenta muitos avanços mas também muitos desafios. Faz-se necessário estudos mais aprofundados sobre os diversos aspectos desse tópico seja econômico, cultural, sociológico e religioso. Desta maneira, novas formas ou reformas devem ser criadas e realizadas para que a marginalização e a violência não mais ocorra e a justiça e equidade sejam garantidas para todos os cidadãos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian. *Juventude e Sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

BRASIL. *Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

_____. *Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil: ano de 2012*. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2013. Disponível em: <<http://www.rcdh.es.gov.br/sites/default/files/RELATORIO%20VIOLENCIA%20HOMOFOBICA%20ANO%202012.pdf>> Acesso em: 20. jan. 2016.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivo do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (org). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Tradução Tomas Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

25 ROSARIO, Maria. *Projeto de Lei 7582/2014*. Disponível em: <http://www.camaProjira.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codeor=1254961&filename=PL+7582/2014>. Acesso em: 20.jul. 2015.

CARRANO, BRENNER, DAYRELL. *Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros*. In: ABRAMO, Helena. Retratos da Juventude. Análise de uma pesquisa nacional. Instituto Cidadania – Fundação Perceus Abramo. São Paulo, 2005.

FUNDAÇÃO PERSEUS ABRAMO. *Diversidade sexual e Homofobia no Brasil: intolerância e respeito às diferenças sexuais*. Disponível em: <http://novo.fpabramo.org.br/sites/default/files/PESQUISA_COMPLETA_Apres-LGBT-Total-mai09.pdf>. Acesso em: 20. jan. 2016.

GROPPO, Luiz Antônio. *Juventude – Ensaios sobre sociologia e História da Juventude das Modernas*. Rio de Janeiro: Difei, 2000

IBGE. *População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de religião - Brasil – 2010*. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf>. Acesso em: 16. jul. 2015.

IHU. *Igreja tem prece contra 'ofensiva homofóbica'*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/543925-igreja-tem-prece-contr-a-ofensiva-homofobica->>. Acesso em: 16. jul. 2015.

KOEHLER, Sonia. *Homofobia, Cultura e violências: a desinformação social*. Revista Interações, Número especial. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/3361>>. Acesso em: 21. jul. 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Sociologia Geral*. 7ª edição. São Paulo: Atlas, 2010.

LARRAT, Symmy. *O beijo gay e a regulação da mídia*. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/o-beijo-gay-e-a-regulamentacao-da-midia-5903.html>>. Acesso em: 23. jul. 2015.

ROSARIO, Maria. *Projeto de Lei 7582/2014*. Disponível em: <http://www.cama- Projra.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1254961&filena-me=PL+7582/2014>. Acesso em: 20. jul. 2015.

RUBIN, Gayle. *Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade*. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin_pensando_o_sexo.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20. jan. 2016.

SENA, Tito. Os relatórios Kinsey: práticas sexuais, estatísticas e processos de normalização. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278011145_ARQUIVO_ArtigoTitoSenaFG9.pdf>. Acesso em: 17. jul. 2015.

UNESCO. *Resposta do Setor de Educação ao bullying homofóbico*. Brasília: UNESCO, 2013. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002213/221314por.pdf>>. Acesso em: 17. jul. 2015.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Espaços Gay-Friendly ajudam no crescimento do turismo LGBT no Brasil*. Disponível em: <http://cet.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2349:espacos-gay-friendly-ajudam-no-crescimento-do-turismo-lgbt-no-brasil&catid=34>. Acesso em: 23. jul. 2015.

WALTER, Bruna Maestrini. *Violência contra gays começa em casa*. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/violencia-contragays-comeca-em-casa-27h630m9ljll6evmgo52ni3wu>>. Acesso em: 20.jan.2016.

JUVENTUDES, TEMPORALIDADE E PROJETO DE FUTURO

Cirlene Cristina de Sousa

Universidade Federal de Minas Gerais UFMG. E-mail: cirlenesousa@yahoo.com.br

Marcial Maçaneiro

Pontifícia Universidade Católica do Paraná PUC-PR. E-mail: marcialscj@hotmail.com

As tecnologias digitais são hoje uma avalanche que afeta, de modo especial, a vida juvenil, com imbricações cada vez mais extensivas (ampliação de espaços e acessos) e intensivas (assiduidade e envolvimento subjetivo). Exemplo disso são os contatos e amizades virtuais, os múltiplos acessos online, as mensagens por celular e os milhares de perfis inscritos nas redes sociais. Esta afetação não toca apenas o campo informativo, mas a percepção que os sujeitos têm de si e dos outros, as trocas interpessoais, as inserções no tempo e espaço, enfim, os modos de ser e expressar-se. Hoje, mais que nunca, a linguagem tecnológica nos estimula psicológica e sensorialmente com ritmo mais constante e instantâneo, abre-nos novos sítios de exploração (*sites*) e incide na nossa percepção de tempo e espaço.

Neste contexto midiaticizado situa-se nosso trabalho sobre *Juventudes, temporalidade e projeto de futuro*. Concentramo-nos na percepção das temporalidades vivenciadas pelos jovens contemporâneos, em que se cruzam a construção da subjetividade e as experiências de sociabilidade com suas diferentes agendas e negociações: escola, trabalho, família e lazer¹.

Os jovens vivem enredados numa teia de conexões, de modo que sua vida juvenil dá-se na interseção com os dispositivos midiáticos, num processo acelerado e influente, mas não homogêneo; principalmente quanto à relação com a internet e as redes sociais. Referimo-nos aqui à assídua ocupação dos jovens, em dias e horas, com televisão, computador e internet, incrementada por aparatos como *iPhones*, *smartphones* e *tablets*. Como diz Fischer, isso se acentua de tal forma que pode ser experimentado como um “amor à conectividade” acompanhado pelo “instigante modo de ver a si mesmo como alguém que passa; que some no tempo, numa velocidade incontável” (Fischer, 2012, p. 415).

Além da atraente funcionalidade de aparelhos inovadores, os jovens frequentam as novas mídias como *espaço* ou *ambiente* que lhes oportuniza expressar-se e encontrar-se, ver e ser vistos, estimulados pela quantidade e diversidade das opções, especialmente online. Tais

¹ Essa comunicação foi motivada pela tese de doutorado, intitulada: *Juventude(s), mídia e escola: ser jovem e ser aluno face à midiaticização das sociedades contemporâneas*. Nesta se investigou quais os aspectos do processo da cultura midiaticizada contemporânea que marcam, de forma singular, a vida de jovens estudantes do ensino médio. A autora realizou uma extensa pesquisa de campo em escolas do ensino médio da região metropolitana de Belo Horizonte. A análise revelou que as tecnologias digitais, que se mesclam à vida cotidiana dos jovens, encontram-se imbricadas de modo extenso e intenso em suas interações de jovens-alunos no espaço da escola e das ambiências midiáticas por eles frequentadas. Inspirados por esse trabalho, nosso recorte aqui se concentrou numa apresentação teórico-reflexiva sobre como aqueles jovens midiaticizados pensavam e viviam a relação entre a percepção subjetiva e social do tempo cotidiano e os campos de possibilidade em face do futuro, nas diversas temporalidades do ser jovem.

jovens, sobretudo nos territórios urbanos, são efetivos sujeitos em midiaticização: assim como transitam no espaço da escola ou da família, transitam no espaço midiático em habitual interatividade entre si, com seus pares e inúmeros interlocutores.

A(S) TEMPORALIDADE(S) E A CONDIÇÃO JOVEM

Embora os indivíduos não dominem a totalidade dos processos, tendo suas identidades atravessadas por jogos de poder, determinações institucionais e fatores sócio-econômicos, Martuccelli (2012) observa que eles sempre são *atores* da própria experiência, protagonizando biografias cotidianas carregadas de escolhas, relações dramas e sentidos. Esta *biografia* é interpretada sociologicamente com atenção, por registrar as vivências diretas dos atores sociais e desvelar o quanto seja socialmente significativo, individual ou coletivamente. Deste modo, ao valorizar a biografia dos atores sociais, sujeitos básicos dos fenômenos socioculturais, esta abordagem da ação ensaia também uma “sociologia do indivíduo” – como expressam Martuccelli e Singly – atenta aos hábitos e às provas de validação social dos sujeitos, às relações cotidianas significativas, às mudanças na percepção individual e social das identidades pessoais, às tensões entre indivíduo e instituição (cf. Martuccelli & Singly, 2012, p. 53-82). Nesse campo da “sociologia do indivíduo”, a categoria tempo tem singular importância para pensar essa juventude midiaticizada.

A experiência do tempo com suas três instâncias (passado, presente, futuro) e os sentidos que dela decorrem para o ser humano têm ocupado há muito a reflexão de filósofos, historiadores e antropólogos, de Aristóteles a Ricoeur (1983-85), passando por Heidegger (1927). As discussões vão da Historiografia à Antropologia Cultural, da Filosofia à Educação. Mais recentemente, uma série de autores captou novas percepções do tempo na passagem da era industrial à era digital, com o advento das novas tecnologias que aceleraram os acessos dos sujeitos às informações e entre os mesmos sujeitos em âmbito global. Da fotografia ao filme, do videoclipe à imagem digital, as tecnologias favorecem a virtualidade e a instantaneidade dos dados e dos contatos, ampliando as possibilidades e estreitando tempos e espaços.

Esta percepção, que ora tende a generalizar-se por efeito da extensa rede de tecnologias, especialmente *online*, é ainda mais sentida pelos jovens que hoje protagonizam os múltiplos acessos, usos, reações e até produções, caracterizados como geração conectada. De fato, os jovens representam o filão social que mais afeta e é afetado pela midiaticização da cultura, sendo diretamente atingidos em sua percepção espaciotemporal e, portanto, em suas leituras de sentido sobre a experiência cotidiana e as possibilidades de futuro. Em sua condição, os jovens manifestam percepções não lineares, nem homogêneas do espaço/tempo: inseridos na diversidade de relações e papéis como sujeitos em trânsito geracional, eles vivenciam diferentes temporalidades, desde a instantaneidade dos contatos afetivos (*online* e *off-line*) ao percurso do tempo escolar institucionalizado e das projeções de carreira.

EXPERIÊNCIA PRESENTE E EXPECTATIVA DE FUTURO

Entre os autores que tratam da percepção cultural do tempo, o historiador Koselleck (1923-2006) fornece um instrumental teórico útil à nossa abordagem, ao delinear um “campo de experiência” e um “horizonte de expectativas”, relacionados entre si, como expressões da experiência temporal do homem contemporâneo. Em sua obra *Futuro passado* (1979), Koselleck desenvolveu uma singular perspectiva de que cada presente

não apenas reconstrói o passado a partir de problematizações geradas na sua atualidade – como propunham os *Annales* e outras correntes historiográficas do século XX – mas também de que cada presente *ressignifica* tanto o passado (referido na conceituação de Koselleck como “campo da experiência”) como o futuro (referido conceitualmente como “horizonte de expectativas”). (Barros, 2010, p. 66)

Koselleck observa que, nas experiências cotidianas de relação entre presente e passado, presente e futuro, há uma assimetria e uma tensão entre estas instâncias da temporalidade, devidas, de um lado, à ruptura entre presente e passado, e, de outro, à extensão do presente no futuro, sentida como expectativa (cf. Koselleck, 1979). Esta assimetria e esta tensão marcam a sensibilidade contemporânea a respeito do tempo e, por conseguinte, a respeito da relação entre tempo e espaço. Referindo-se não apenas ao tempo objetivamente demarcado (tempo mecânico dos relógios ou tempo agendado das instituições), mas também ao tempo subjetivamente percebido, Koselleck entende a “experiência” (que recai no presente) e a “expectativa” (que tende ao futuro) como duas categorias históricas que “entrelaçam passado e futuro” (Koselleck, 2006, p. 308): mediante a *experiência* e a *expectativa* “cada uma das temporalidades – passado, presente e futuro – pode imaginariamente se alterar, contrair ou se expandir conforme cada época ou sociedade, modificando-se também a maneira como são pensadas e sentidas as relações entre eles” (Barros, 2010, p. 67). Pois “o tempo histórico não apenas é uma palavra sem conteúdo, mas uma grandeza que se modifica com a história, e cuja modificação pode ser deduzida da coordenação variável entre experiência e expectativa” (Koselleck, 2006, p. 309). Ele mesmo explica:

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, que não precisam estar mais presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é preservada uma experiência alheia (Koselleck, 2006, p. 309-310).

Já as *expectativas* tendem ao futuro, configurando um conjunto de sensações, percepções e antecipações referidas ao porvir. No caso dos jovens, as expectativas se apresentam nos temores e esperanças, nas inquietações e certezas, nas ansiedades e confianças que – plurais e até contraditórias – apontam ao devir, ao futuro que se anuncia ou se esvai no presente

vivido. Eis o que Koselleck oportunamente caracterizou como “horizonte de expectativa”, semelhante a uma linha que se projeta sempre adiante, sempre além, na medida em que dela presentemente nos aproximamos. Deste modo, “assim como a *experiência* (esta herança do passado) se realiza no presente, também a *expectativa* se realiza no hoje, constituindo-se, portanto, em um *futuro presente*” (Barros, 2010, p. 68). Contudo, como dito acima, o campo de experiência e o horizonte de expectativa não se opõem, mas repercutem um no outro, já que ambos entrelaçam o futuro e o passado na vivência do sujeito.

Temos, portanto, três componentes-chave nesta concepção temporal: as experiências (visando o passado), as expectativas (visando o futuro) e o sujeito (visando o presente). Observemos, porém, que a mesma *tensão* e *assimetria* tocarão também o sujeito histórico em cujo presente se entrelaçam o futuro e o passado, com expectativas e experiências forjando diferentes percepções do tempo, da durabilidade mecânica do tempo produtivo à perplexidade afetiva do instante que passa. Daí que as fusões que as três instâncias da temporalidade (presente, passado, futuro) estabelecem no sujeito se configuram de modo diferenciado na contemporaneidade, repleta de tecnologias que aceleram a informação, multiplicam os contatos e cruzam fronteiras espaciotemporais até poucas décadas resistentes.

A perspectiva de Koselleck sobre as novas fusões da temporalidade numa cultura midiaticizada explicariam a fluidez do presente, a progressiva perda da historicidade linear, o aceleração vertiginoso do ritmo cotidiano e certo encurtamento da linha demarcadora das expectativas: à medida que o presente se acelera, avançando vorazmente à frente, também as expectativas encurtam seu prazo, pondo em crise o sentido do tempo vivido – como percebemos no relato de muitos jovens², para quem o presente é paradoxalmente um ganho (na intensidade e diversidade das múltiplas conexões) e uma perda (na celeridade e provisoriabilidade do momento que foge) (cf. Barros, 2010, p. 79-84). Em ótica inversa, trata-se de um “presente estendido” ao ritmo da aceleração temporal: bordejando o cotidiano e avança, num hoje ao mesmo tempo contínuo e breve (cf. Leccardi, 2005, p. 45). Koselleck observa que o dinamismo e a transformação contínua e acelerada do ambiente social enfraquecem a experiência (situada no *passado presente*), impedindo-a de aparecer no horizonte das expectativas (que delinearão o *futuro presente*) (cf. Koselleck, 1986 *apud* Leccardi, 2005, p. 45).

MÍDIAS E DINÂMICAS TEMPORAIS: DO TEMPO MEDIDO AO TEMPO VIVIDO

As alterações hodiernas no conceito de temporalidade são também apontadas por Balogh, com foco no mundo das mídias e da comunicação em geral (cf. Balogh, 2004). Concordando com Virilio, a autora assinala a recente “passagem de um mundo de formas estáveis para um mundo de formas instáveis, o da estética foto-cinema vídeo-holográfica” (Virilio, 1984, p. 82-83), que tem provocado o envelhecimento de estilos e modismos em geral, das Artes à Educação. A autora observa “que a aceleração dos veículos junto com a velocidade das mídias eletrônicas instauram novas dinâmicas temporais com ênfase na presentificação

² Referimo-nos aqui aos jovens entrevistados, que participaram da pesquisa que nos inspirou esta comunicação.

e na instantaneidade das relações sociais; o tempo passa por uma compressão extrema” (Balogh, 2004, p. 3).

A mesma Balogh nota que a montagem e a edição dos produtos audiovisuais têm sofrido uma aceleração sem precedentes, especialmente na medida em que os recursos imagéticos avançam do material ao virtual: da fotografia ao filme, do documentário à série televisiva, do videoclipe *online* à imagem digital, marcada pela instantaneidade. A aceleração rítmica de vídeos e algumas séries televisivas se comparam aos recursos imagéticos oníricos, causando uma intensificação da temporalidade (cf. Balogh, 2004, 2-3). Esta intensificação da temporalidade é cada vez mais recorrente nas mídias e no acesso dos usuários em geral. Mas são os jovens quem mais estabelece conexões pessoais e/ou grupais múltiplas e simultâneas, através dos novos aparatos e, sobretudo, das redes sociais (*twitter*, *facebook* e *whasts-app*). Esta diversidade de tempos e espaços e a assídua interação midiática alteram as noções espaciotemporais dos jovens, as fronteiras de relacionamento e os seus territórios. Tais fatores e condições

são possibilidades culturais que alargam o território dos jovens para outros limites de tempo e espaço. O território passa a ser o mundo inteiro. A sociedade da informação redefine, então, os conceitos de tempo e espaço. Perto e longe tornam-se dimensões simbólicas. As imagens são o meio de transporte para espaços que diferem da experiência física. (Gil Souza, 2004, p. 61).

Trata-se de um processo que problematiza o tempo vivido, experimentado pelos jovens como menos coeso e mais fluido, além de alterar os limites tradicionais de seu território em relação à família, escola, profissão, etc., afetando sua identidade e sociabilidade. Esse alargamento de possibilidades desafia os sujeitos a encontrar os fios para tramar a continuidade, construindo uma experiência de tempo que possibilite passar pela variedade e pela mudança sem se perder (cf. Gil Souza, 2004, p. 60).

Os jovens vivem intensamente as contradições deste tempo, pois as incertezas próprias da idade são agravadas pelas incertezas desta época, tendo em vista que as referências para a compreensão do tempo – a medição pela máquina e a orientação finalista— dissolvem-se. Cada vez mais, convive-se com tempos marcados pela subjetividade, fragmentação e ritmos diferenciados. (Gil Souza, 2004, p. 60).

Assim, tempo e espaço se tornam plurais e descontínuos, exigindo de nós elasticidade, adaptação, conexão e capacidade de conviver cotidianamente num mundo desterritorializado. Para Gil Souza (2004), o espaço geográfico é

substituído pelo tempo dos fluxos de informações. Esse espaço de fluxos permite conhecer outras culturas, trocar ideias, ampliar a rede de contatos e fazer novas escolhas. Para os jovens, essa redefinição

das coordenadas espaço-temporais pode alterar o sentido do grupo, no qual o pertencimento a um determinado grupo pode se tornar uma escolha temporária e variável. (Gil Souza, 2004, p. 62)

Por outro lado, como alerta Giddens, “falar em multiplicidade de escolhas não é o mesmo que supor que todas as escolhas estão abertas para todos, ou que as pessoas tomam todas as decisões sobre as opções com pleno conhecimento da gama de alternativas possíveis” (Giddens, 2002, p. 80). Mais uma vez a midiatização da cultura intervém nos fenômenos juvenis contemporâneos, favorecendo o entrelaçamento do individual e do coletivo, e oferecendo-nos uma chave de compreensão do que hoje ocorre com a juventude: “pois as experiências dos jovens são construídas, em grande parte, nas redes de relações e no significado da cultura global” (Gil Souza, 2004, p. 62). Como já observaram Margulis e Urresti (1998), os jovens *aterrizam* no presente e ali formam sua personalidade, constroem sua cultura e organizam seu ritmo de vida, lançados num tempo de contratempos, diante de múltiplas referências de informação, valores e vínculos – entre as quais a escola, ao lado da mídia e da família. Na contemporaneidade, a juventude está zigzagueando no tempo e no espaço desterritorializado (cf. Pais, 2001)

JUVENTUDE E “CRISE DO FUTURO”

Leccardi interpreta o desconcerto temporal das novas gerações como efeito de uma passagem histórica: do “futuro aberto” da primeira modernidade, destinado ao progresso, à “crise do futuro” da modernidade avançada, repleto de riscos (cf. Leccardi, 2005, p. 41-45). A autora observa que na sociedade industrial predominou a perspectiva do progresso científico-tecnológico, paralelo a uma projeção desenvolvimentista do tempo, com identidades e papéis sociais interligados em seu interior, ao longo do séc. XX:

A perda da instância extra-histórica na relação com o futuro faz convergir a atenção sobre a autonomia do indivíduo: não mais sua posição definida, mas sua capacidade de projetar-se individualmente torna-se a fonte primária de identidade e o princípio organizador da biografia. O futuro aparece, com efeito, como um horizonte temporal subjetivamente influenciável, à disposição dos indivíduos como espaço de experimentação. (Leccardi, 2005, p. 43)

Já a modernidade avançada é caracterizada pelos riscos e uma consequente crise do futuro, afetando especialmente as novas gerações. Pois, se o futuro da primeira modernidade era o *futuro aberto*, o futuro da modernidade contemporânea é o futuro *indeterminado e indeterminável*, governado pelo risco. Não o risco natural ou causado por efeitos mensuráveis da industrialização, que poderia ser previsto e remediado pelos cálculos probabilísticos, mas o risco humanamente produzido por nossa aplicação do conhecimento e interferência na

ordem natural: manipulação genética, mudanças climáticas, tecnologia bélica, insegurança nuclear etc. (cf. Leccardi, 2005, p. 45). Esses tipos de risco “não nos falam de um bem, mas concentram a atenção exclusivamente sobre os males que o futuro pode difundir. A ideia de futuro a que conduzem é, portanto, não determinada e, ao mesmo tempo, marcada por um sentimento difuso de alarme, associado a uma sensação de impotência” (idem, p. 45). Onde as consequências para a juventude: “um horizonte futuro ocupado pela dimensão do risco, impede, por exemplo, a construção de narrativas biográficas nas quais um evento qualquer apareça relacionado a um outro e seja capaz, de modo inteligível, de condicioná-lo” (idem, p. 45). Nessas condições, a capacidade de apreender o tempo tende a fragmentar-se e a atenção volta-se ao *presente*. Para os jovens contemporâneos “o presente (ora mais, ora menos estendido) aparece como a única dimensão temporal disponível para a definição das escolhas” (idem, p. 47). O que seria um largo “horizonte de expectativa” – no dizer de Koselleck – se foca no presente próximo, vivido como um “horizonte existencial que, em certo sentido, *inclui e substitui* o futuro e o passado” (Leccardi, 2005, p. 47).

JOVENS NÔMADES DO PRESENTE

Avançando na discussão sobre a experiência do tempo dos jovens, com atenção à sua construção identitária, temos a contribuição de Melucci (1997). Aproximando-se da reflexão de Leccardi, Melucci observa que na sociedade contemporânea experimentam-se vários tempos, simultaneamente: o tempo natural pautado pelo ciclo biológico; tempo industrial pautado pela produção; o tempo subjetivo pautado pelos percursos cotidianos; o tempo dos fins, que marca o devir da História (cf. Melucci, 1997). Em geral, cada um desses tempos corresponde a diferentes papéis, em diferentes condições sociais; e sua concomitância na experiência do sujeito é um dos fatores da fragmentação percebida na modernidade avançada, especialmente no caso dos jovens. Uma vez que entre “os múltiplos tempos da experiência cotidiana” há uma “tensão não resolvida”, o sujeito transita entre esses tempos, com seus papéis sociais distintos, experimentando limites e possibilidades (Melucci, 1997, p. 8).

Semelhante ao que ocorre com as peças de uma roda no “jogar” da engrenagem, os jovens vivenciam “jogos” de encaixe e desencaixe, envolvidos na engrenagem tempo-espacial de uma “sociedade planetária grávida de potencialidades e de riscos” (Melucci 2004, p. 15-16). Ante tal complexidade, Melucci propõe uma sociologia da escuta, receptora “de um conhecimento que consegue reconhecer as necessidades, as perguntas, as interrogações de quem observa; e também capaz de, ao mesmo tempo, pôr-se verdadeiramente em contato com os outros” (Melucci, 2005, p. 9).

Para Melucci, a escuta atenta dos jovens contemporâneos nos revela sujeitos que vivem esta tensão de lugares e tempos, de ritmos e papéis, em busca de sentido num tempo presente que corre. Incluímos aqui nossa observação de que as novas tecnologias têm fornecido não só instrumentos para tal busca, ao modo de uma máquina que apressa o tempo moderno, mas oferecem também uma *ambiência* em que os sujeitos se distinguem, se conectam e se contradizem, num processo de referenciamento, de trocas intersubjetivas e de vínculos, pelo qual os

indivíduos se mostram e se dizem, ao mesmo tempo em que são vistos e ouvidos. Os jovens midiaticizados são singularidades que se diferenciam e se conectam (cf. Melucci, 1996, p. 6-9).

Nesta experiência há um tempo exterior (objetivo, instituído, funcional) e um tempo interior (subjetivo, tensionado, motivacional), que não se encaixam mais nos modos tradicionais de pertencimento social dos jovens como família, escola e religião. De fato, entre tempo subjetivo e tempo social há uma descontinuidade, já sentida pelos jovens de hoje como uma experiência comum. Melucci observa que isto também conduz à dissolução do tempo linear – baseado no passado e com uma expectativa de plenitude no futuro – fazendo do “hoje” o momento intenso, repleto de possibilidades e tensões: a cada “hoje” os jovens se veem interpelados a dizer-se, a construir-se, em face das múltiplas possibilidades, vivenciando o cotidiano de modo menos rígido e coeso, e mais fluido e metamórfico, como “nômades do presente” (cf. Melucci, 2004, p. 59). Como diz Leccardi, referindo-se às descrições de Melucci:

Os “nômades do presente” rodeiam, sem uma meta precisa, por lugares não conectados, estações singulares de suas biografias, cujas conexões podem ser eventualmente identificadas como resultado de uma reflexão *ex post*, e não com base em um projeto. [...] O tempo fragmenta-se em episódios, cada qual com seu próprio sistema temporal de referência. (Leccardi, 2005, p. 47)

Portanto, os fatores tradicionais de identidade e lugar social (filiação familiar, pertença religiosa, classe, nacionalidade) que antes enraizavam o presente e desenhavam o futuro, são para os jovens contemporâneos menos significativos, sob a pressão das escolhas no presente quase “sem tempo” dos fragmentos que se sucedem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente dos jovens, tão repleto de possibilidades, é paradoxalmente o tempo que os limita, o tempo que lhes falta, experimentado com desconcerto e descontinuidade (cf. Melucci, 2004, p. 33-37). O modo juvenil de viver o presente – que se estende e intensifica entre continuidade e descontinuidade – se torna também um modo de encarar o futuro com seu inevitável devir no *hoje* das diferentes temporalidades, seja interior-afetiva, seja exterior-instituída. Afinal, é impossível ao jovem escapar de toda e qualquer perspectiva futura, já latente nas suas vivências positivas (vínculos de amizade, sonhos de realização, gostos promissores, aprendizados profissionais) e negativas (medos do amanhã, desencaixe com o ritmo escolar, rupturas com o tempo dos pais). Daí que “a organização de eventos e sua sequência, a relação entre eventos externos e internos, os graus de investimento emocional em várias situações – tudo se torna meio de organizar a própria biografia e definir a própria identidade” (Melucci, 1997, p. 9). Com este ensaio biográfico e identitário os jovens enfrentam os riscos e encaram o futuro. Como diz Leccardi, uma parcela significativa desses jovens manifesta uma capacidade própria “[...] de ler a incerteza do futuro como multiplicação das possibilidades virtuais,

e a imprevisibilidade associada ao devir como potencialidade agregadora, não como limite à ação”. Neste sentido, boa parte dos jovens “elabora respostas capazes de neutralizar o temor paralisante do futuro” (2005, p. 52).

Os jovens se nos apresentam como indivíduos em distinção e conexão, buscadores de si no tempo que flui; enredados nas múltiplas conexões midiáticas e expostos a um futuro de riscos que lhes convoca a cada dia à buscar novas relações “entre o processo de produção e criação pessoal, comumente associado ao futuro, e as condições particulares de incerteza nas quais esse processo é vivenciado hoje em dia” (Leccardi, 2005, p. 51). Entre desafios presentes e possibilidades futuras, os jovens buscam ser autores de suas histórias; atribuem sentido às suas relações e ao seu estar-no-mundo, ainda que seu percurso seja hoje mais sinuoso e arriscado que no passado.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Ars Poética, 1993.
- BALOGH, Anna Maria. Media e temporalidade: dromoscopia e serialidade. O admirável mundo novo em ritmo de rock pauleira. In: *Intercom* (2004), p.
- BARROS, José D’Assunção. Rupturas entre presente o presente e o passado: leituras sobre as concepções de tempo de Koselleck e Hannah Arendt. In: *Revista Páginas de Filosofia* v. 2, n. 2 Julho-Dezembro (2010), p. 65-88.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno & SCHWERTNER, Suzana Feldes. Juventudes, Conectividades Múltiplas e Novas Temporalidades. In: *Educação em Revista* | Belo Horizonte | v.28 | n.01 | p.395-420 | mar. 2012.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GIL SOUZA, Carmen Zeli Vargas. Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites. In: *Última Década* nº 20, junio (2004), p. 47-69.
- HEIDEGGER, Martin. *O ser e o tempo*. Petrópolis: Vozes, 1997 [original: 1927].
- KOSELLECK, Reinhart. Modernidade. In: *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 267-303.
- KOSELLECK, Reinhart. Espaço de experiência e horizonte de expectativas. In: *Futuro passado – contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 311-337 [original: 1979].
- LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro mudança social, jovens e tempo. In: *Tempo Social: revista de sociologia da USP* vol. 17, n. 2, novembro (2005), p. 35-57.
- MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La construcción social de la condición juvenil. In: CUBIDES, Humberto et al. (org.). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Santafé de Bogotá: Siglo del Hombre Editores / Departamento de Investigaciones Universidad Central, 1998.

MARTUCCELLI, Danilo ; SINGLYS, Francois. Sociologies De L'Individu. 2ed. Paris: Armand Colin, 2012.

MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001.

PAIS, José Machado. *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Porto: Ambar, 2001.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papirus, 1994 [original: 1983/1985].

VIRILIO, Paul; LOTRINGER, Sylvere. *Guerra Pura*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

A CASA DENTRO DA CASA O SENTIDO DO QUARTO PARA O ADOLESCENTE NA CONTEMPORANEIDADE

Marilza de Lima Friche

*Prof. da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG
Especialista em Educação / Mestranda do P.P.G de Psicologia da PUC Minas
liufriche@yahoo.com.br*

Palavras-chave: Adolescência; Relações familiares; Quarto; Identidade.

A contemporaneidade tem sido marcada por profundas mudanças sociais, econômicas e culturais. Os valores e os modos de vida da sociedade contemporânea afetaram o sentido de família, tanto no que se refere às configurações como também às relações afetivas entre seus membros. Nesse cenário, ocorrem importantes mudanças nos modos de vida dos adolescentes, em suas relações familiares e na maneira como constroem um jeito de ser jovem.

A adolescência tem ocupado um espaço cada vez mais valorizado, sendo tomada como símbolo dos dilemas sociais contemporâneos. Apresenta-se como fonte de renovação e revigoramento social, sendo uma fase rica de possibilidades e conflitos, tanto no âmbito individual, quanto nas relações familiares e sociais.

Com todo esse prestígio, observamos, ao longo das últimas décadas, um alargamento dessa fase, evidenciado pelo encurtamento da infância e um adiamento da entrada dos jovens no mundo adulto. Tal fenômeno vem promovendo uma adolescentização da nossa sociedade, em que os ideais adolescentes são propagados entre crianças, jovens e adultos, diluindo as barreiras etárias. (ROCHA; GARCIA, 2008). Kehl (2002) denominou esse fenômeno de “teenagização” da cultura ocidental.

Todos querem sentir-se adolescentes, vestir-se como adolescentes, agir como adolescentes. Isso significa que a vaga de “adulto”, na nossa cultura, está desocupada. Ninguém quer estar “do lado de lá”, o lado careta, do conflito de gerações, de modo que o tal conflito, bem ou mal, se dissipou. (KEHL, 2002, s/p)

No entanto, nem sempre foi assim. A adolescência como uma fase de transição do ciclo de vida, situada entre a infância e a vida adulta, não é uma etapa natural da vida humana, tendo sido construída social e historicamente. Ou seja, trata-se de uma invenção cultural datada do século XIX e que só se difundiu a partir do início do século XX, sendo, portanto, uma construção social recente. Segundo Ariès (1981, p.47), a adolescência surgiu “depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada”. Assim, ela se torna associada à renovação do tecido social e, portanto, à fase de ouro do ciclo vital.

Coutinho (2009) afirma que esse conceito surgiu a partir das transformações sociais e econômicas ocorridas ao longo dos séculos XVIII e XIX, que culminaram no ideal individualista. Nas sociedades ocidentais pré-modernas, o valor maior encontrava-se na coletividade, em que o indivíduo não se separava do todo social, sendo apenas parte de um coletivo, e vida pública e privada não se diferenciavam. A Modernidade propôs uma ruptura com o paradigma tradicional e instaura a lógica da individualidade, em que indivíduo e sociedade tornam-se distintos, com grande valorização do indivíduo como ser livre, capaz de pensar, raciocinar e ser autônomo para gerir sua vida.

O conceito de adolescência surge nesse contexto histórico como um prolongamento da infância, passando a ser reconhecida na sociedade ocidental como uma fase da vida caracterizada por sua transitoriedade entre a infância e a vida adulta, demarcando a passagem da “heteronomia da criança para a autonomia do adulto”. (SPOSITO, 1997, p.38)

Nessa perspectiva, a adolescência é o período que se inicia com as alterações biológicas e fisiológicas, seguidas pelas mudanças psicológicas, sociais e culturais, que pontuam a passagem da vida familiar à vida social. Todos esses níveis interagem de maneira complexa, sendo, portanto, dinâmicos e interdependentes. “A adolescência evoca, por definição, um sujeito em processo de subjetivação, processo este que se dá numa sociedade que também está em movimento.” (COUTINHO, 2009, p. 12).

Segundo Erikson (1976), o adolescente vivencia um conflito caracterizado pela crise identidade x confusão de papéis e tem como principal tarefa responder à pergunta “Quem sou eu?”. Para responder essa questão o adolescente deverá elaborar um conceito de si mesmo como um indivíduo único e adotar um sistema de valores, o que acontecerá se ele conseguir integrar as vivências de seu passado, seu presente e as possibilidades de um futuro por vir. A resolução positiva desse conflito é a conquista da identidade, que se configurará pela definição sexual, orientação profissional e a adoção de uma ideologia, o que determinará seu ingresso na vida adulta.

Para Knobel e Aberastury (1981) a entrada na adolescência é um processo doloroso e confuso. A puberdade provoca inevitáveis, incontrolláveis e aceleradas transformações físicas, o que desestabiliza o adolescente, pois ele terá a desafiadora tarefa de construir uma nova identidade corporal. Com isso, o adolescente vivencia a perda do corpo infantil, perdendo o domínio sobre ele, mas ainda não reconhece seu novo corpo, adulto e sexuado, que está se constituindo e que levará ainda um bom tempo para a construção e elaboração do corpo adulto. Tudo isso provoca incertezas, inseguranças e instabilidade no adolescente, que não se vê preparado para tantas mudanças. Para Dolto (2004, p.42):

O tempo da adolescência é todo ele entrecortado de imensas alegrias e de sofrimentos tão repentinos quanto passageiros. Creio que ele sofre e se alegra abaixo do nível contínuo de humor: ele conhece um humor oscilante ininterrupto entre a depressão e a exaltação. É característico dessa fase.

Assim, a identidade e os papéis desempenhados na infância, quando a criança encontra-se numa relação de dependência com o meio, serão substituídos por novos papéis, o que implica em assumir responsabilidades e obrigações não exigidas anteriormente. O adolescente não pode mais manter a dependência infantil, mas ainda não está apto para assumir a independência adulta, o que gera uma constante sensação de estar fora de lugar.

Existe, também, a perda dos pais protetores e idealizados da infância. Esses não são mais reconhecidos como modelos e os adolescentes buscam se diferenciar do par parental para alcançar sua autonomia. Os pais, por sua vez, também encontram dificuldades em aceitar o crescimento dos filhos.

O grupo torna-se a principal referência e fonte de apoio emocional. A vivência grupal é de fundamental importância para criarem uma força coletiva que os ajude a superar a fragilidade que toda essa instabilidade lhes impõe. Essa união se dá de maneira intensa e maciça, fazendo com que os adolescentes andem sempre juntos, criando “tribos”, que ditam os comportamentos, a moda, as gírias e os gostos de cada grupo. Coutinho (2009) ressalta a importância do grupo para os adolescentes contemporâneos.

Os adolescentes contemporâneos são coautores do laço social no qual se constituem, e as novas tribos urbanas expressam claramente essa situação, funcionando muitas vezes como verdadeiros rituais de iniciação auto-engendrados. (COUTINHO, 2009, p. 243).

Ao considerar os adolescentes como coautores do laço social a autora propõe uma ampliação na compreensão dessa fase da vida, para além de seu caráter transicional. A adolescência deixa de ser exclusivamente vista como um vir a ser e adquire importância por si mesma. Nesse sentido, os adolescentes tornam-se agentes ativos na transformação da sociedade, se constituem como sujeitos e concomitantemente constituem o mundo em que vivem. (DAYRELL, 2003; STENGEL, 2004; COUTINHO, 2009).

Dessa maneira, torna-se inevitável considerar a complexidade da adolescência: como um período da vida marcado por transformações físicas e psicológicas, iniciadas pela puberdade, que exige um trabalho psíquico que implica em elaborações subjetivas e que esse sujeito adolescente está inserido num tempo e espaço, no qual se desenvolve, estabelece suas relações, é influenciado e influencia o meio social.

Nessa perspectiva, torna-se relevante discutir os espaços que os adolescentes vivem, circulam e se socializam, já que esses são construídos por eles e são neles que os adolescentes constroem uma maneira de ser jovem. Assim, os adolescentes constroem espaços próprios em busca de uma maior independência e autonomia, da identificação com seus pares, criando uma rede de apoio afetivo e pertencimento, o que lhes possibilitará o reconhecimento da própria identidade. Nesses espaços, sejam eles públicos ou privados, os adolescentes se movem, crescem e cumprem muitas das tarefas na transição para a vida adulta.

De maneira geral os espaços em que os adolescentes transitam em sua vida cotidiana são definidos pelos contextos em que eles estão inseridos, como a família, escola e o grupo de

amigos. Dessa maneira, o que observamos, muitas vezes, é uma demarcação espacial desses contextos: a casa para as relações familiares; a escola como espaço de aprendizagem e socialização; e, a rua, o espaço público, reservado para as relações sociais e ao grupo de amigos. Os limites entre esses espaços vêm se diluindo na medida em que o espaço virtual se amplia e com isso, fragilizando as fronteiras entre o público e o privado.

Nesse sentido, o quarto se destaca como um espaço doméstico privilegiado para o adolescente contemporâneo, possibilitando o afastamento e a diferenciação de seus pais, demarcando as diferenças geracionais e o exercício da autonomia, exercendo, portanto, forte influência na formação da identidade e na produção da subjetividade do adolescente contemporâneo.

Os quartos, em consonância com as demandas individualistas contemporâneas, multiplicaram suas funções, transformando-se em um espaço essencialmente individual e de multiuso. Neles, as pessoas dormem, se comunicam com outras virtualmente, estudam, trabalham, assistem televisão e até mesmo fazem suas refeições. Nesse sentido, o quarto proporciona um maior isolamento, reforçando o afastamento do coletivo familiar e enfatizando a individualização.

Para os adolescentes esse ambiente adquire uma importância ainda maior, pois é no quarto que o jovem se afasta de seus pais, numa tentativa de se diferenciar deles e construir seu mundo particular.

Há também uma componente psicológica e de maturação pessoal que os jovens investem no seu quarto – a ideia de que a porta do quarto (ou o consumo de *media* dentro do quarto) encoraja um fechamento e um isolamento dos jovens face à família ignora qual o objectivo desse suposto isolamento: a experimentação identitária e a descoberta das diferenças e autonomização do *self* face aos outros, a família. (CARDOSO, 2012, p.58).

Ao mesmo tempo, pelas telas dos computadores e dentro de seus quartos, eles ampliam suas relações, comunicando-se com um grande número de pessoas pelas redes sociais. Por meio dessas, tornam pública suas fotos pessoais, de suas casas, de seu quarto, elementos de sua vida privada.

A “cultura do quarto” ganha força na medida em que, cada vez mais a rua é percebida como ameaçadora e os perigos reais impõem um estilo de vida mais recluso, empurrando os jovens para dentro de suas casas. (CARDOSO, 2012).

Com o intuito de analisar os significados do quarto dos adolescentes em suas casas na perspectiva destes, afim de obter uma melhor compreensão dos modos de vida dos adolescentes contemporâneos e seus processos de subjetivação, realizei uma pesquisa que tem como objeto de estudo o quarto do adolescente.

Essa pesquisa tem caráter qualitativo, sendo realizadas cinco entrevistas em profundi-

dade semiestruturadas, com adolescentes de camadas médias, com idade entre 14 e 18 anos, sendo quatro mulheres e dois homens. A análise dos dados das entrevistas foram realizadas sob a perspectiva da análise de conteúdo. Num primeiro momento realizei uma leitura geral das entrevistas, o que suscitou uma reflexão em torno das temáticas contidas nelas. Várias mensagens importantes emergiram das falas dos adolescentes entrevistados, apresentando dados bastante significativos sobre os modos de vida dos adolescentes, suas relações familiares e a importância de seus quartos em suas vidas. Para facilitar a análise dos dados e possibilitar uma investigação mais aprofundada proponho três categorias: o quarto do adolescente; relação do adolescente com os seus pais e sentido do quarto para o adolescente.

No que diz respeito às relações dos adolescentes com os seus pais, ficou evidente que o quarto é motivo de conflitos e divergências entre eles. Para os adolescentes, o motivo recorrente de conflitos em relação ao quarto é relativo à organização. “O maior de todos eu acho que é por causa da arrumação”. Os pais, segundo eles, demonstram grande incômodo quanto as bagunças e as coisas fora do lugar. Alguns dos pais interferem ativamente, arrumando o quarto dos filhos e outros pais, só reclamam, mas para todos a arrumação do quarto trás discussões e, muitas vezes serve de moeda de troca. Ou seja, os pais não conseguindo impor a ordem desejada ao quarto do filho, propõe algum benefício ou restrição em troca da arrumação do quarto.

Os adolescentes ressaltam que o quarto lhes possibilita um afastamento dos pais e dos conflitos familiares. Eles se recolhem ao seu quarto como maneira de distanciamento e imposição de uma barreira física na relação. Essa barreira é concretizada pela porta. Nem todos eles têm o hábito de fechar a porta, sendo que os que o fazem relatam uma relação com seus pais mais conflituosa. Uma adolescente revela que quando os pais estão discutindo ou brigando com o irmão mais novo: “eu entro pra dentro do meu quarto e fecho a porta.”

Outro conflito que se revelou na relação dos adolescentes com seus pais foi relativo ao tempo que eles ficam no ambiente e se interagem pouco com a família. “Ah, eu acho que eles iam falar que eu fico no quarto, que eu devia sair um pouco do quarto.”

Knobel e Aberastury (1981) defendem que o luto pela perda dos pais da infância é vivenciado também pelos pais que perdem seu filho criança. Os pais já não têm acesso e controle à vida dos filhos como antes e se ressentem do distanciamento deles. O quarto possibilita tal distanciamento e é um dos protagonistas do conflito relativo a dificuldade dos pais em relação à autonomia de seus filhos.

A categoria uso do quarto pode ser dividida em duas subcategorias: tempo que ficam no quarto e o que fazem no quarto. Com exceção de um adolescente que diz não ficar no seu quarto, nem mesmo para dormir (dorme no quarto de hóspedes), todos os outros reconhecem que passam, praticamente, todo o tempo que estão em casa no quarto. A resposta de uma adolescente para quanto tempo passa em seu quarto foi: “100% do tempo que eu estou em casa eu estou lá”. Mesmo algumas atividades que eventualmente realizam em família, é habitual realizá-las individualmente.

No quarto eles fazem de tudo, estudam, conversam com os amigos, utilizam a internet e as redes sociais, assistem televisão ou os programas no computador, comem e dormem. “Eu estudo, eu assisto televisão, eu converso com os meus amigos, é... Eu durmo, assisto televisão, eu danço aqui, as vezes. Quando eu fazia aula de canto, eu ensaiava tudo aqui. É basicamente é isso. Eu faço unha aqui, essas coisas, faço escova ou faço cacho, tudo aqui. É basicamente isso, eu durmo, assisto tv, aí estudo, aí...” Somente um adolescente diz não fazer nada em seu quarto, preferindo outros ambientes da casa.

A análise dessa categoria reforça a tendência do quarto como ambiente doméstico contemporâneo que é multiuso, individual e que facilita a privacidade. Os quartos de dormir foram se tornando ambientes cada mais individualizados, sendo transformados em verdadeiros templos da vida individual e privada. Passaram a ser considerados o local de refúgio, isolamento e distanciamento, não só da sociedade, mas também dos próprios membros da família. “A vida privada doméstica foi inteiramente absorvida pela vida privada individual” (SCHITTINE, 2004, p. 54).

O quarto como símbolo da intimidade, individualidade e privacidade, privilégio das camadas médias e altas da sociedade, ganhou novos reforços com o desenvolvimento tecnológico e a multiplicação dos aparelhos eletrônicos, cada vez mais populares e acessíveis. Eles foram equipados com todo o arsenal tecnológico, destacando-se aqui o computador individual, esse conectado à internet e ao mundo.

Quando cada membro da família passa a ter seu próprio computador, o aparelho toma dimensões individuais: é o programa que aquele indivíduo escolhe, com as ferramentas instaladas por ele, seus arquivos, suas pastas, sua agenda que, juntos, formam um diário íntimo ou um arquivo íntimo da vida daquela pessoa. É a individualidade evidenciada no ambiente de rede pelos possessivos “meu computador”, “meus documentos”, “minhas imagens” etc. (SCHITTINE, 2004, p.56).

Todos os adolescentes entrevistados evidenciaram a importância do quarto como lugar de privacidade, individualidade e pertencimento. É também o lugar do conforto, de segurança e onde se sentem aconchegados, protegidos e diferenciados de seus pais. No quarto guarda-se os segredos. O quarto os identificam e representam sua personalidade. Um dado interessante foi que o adolescente que diz não utilizar seu quarto para praticamente nada e que ele não tem muita importância em sua vida, assim como os outros revela que seu quarto é a “sua personalidade”. Ele revela: “Assim, o quarto pra pessoa serve para ele guardar as coisas dele. Assim, tudo da pessoa que ela gosta vai tá no quarto... É. Minha personalidade. É porque o quarto é como se fosse uma coisa sua. Todo mundo fala assim: é o quarto do Fernando. Então é como se fosse um pedacinho... sabe? Tem que ter o meu eu no meu quarto, senão não é o quarto do Fernando, é só um quarto. É um quarto qualquer. Para ser meu quarto tem que ter a minha marca sabe?”

No discurso de outra adolescente o quarto é um lugar de segurança, de aconchego, “de conforto absoluto”, onde ela diz guardar seus segredos, mesmo não os tendo. Ela é bastante enfática quanto se refere ao seu quarto: “É meu lugarzinho dentro da casa assim. Um o lugar que eu posso chamar de só meu em casa. Isso é bom. Um lugar que tem as minhas regras.”

Propus, como coleta de dados, juntamente com as entrevistas semiestruturadas, o uso de fotografias do quarto dos adolescentes entrevistados. Solicitei aos adolescentes que tirassem três fotografias de seu quartos, retratando os aspectos mais importantes desse ambiente para eles. O material fotográfico, para a pesquisa visual, não é apenas um registro de imagens, mas uma representação que “pode explicar a sociedade e seus processos” (BANKS, 2009, p. 28). Proponho a análise do conteúdo visual das imagens, como, por exemplo, objetos, cores e móveis dos quartos dos adolescentes, considerando-as como narrativas, ou seja, entender quais as histórias que elas contam e quais os sentidos que produzem.

As imagens fotográficas, ainda em análise preliminar, revelam como os adolescentes se apoderam do espaço de seus quartos para o caracterizarem como ambiente próprio, diferenciado do restante da casa. Os adolescentes registraram e evidenciaram “seus cantos”. O uso de painéis fotográficos foi recorrente em todos os quartos, com as fotografias de amigos ocupando grande parte deles. Esse dado evidencia a “tendência grupal”, em que os amigos ocupam lugar central na vida dos adolescentes.

Dessa maneira, concluo que o quarto favorece ao adolescente o afastamento e a diferenciação destes de seus pais, demarcando as diferenças geracionais. Possibilita o exercício da autonomia, exercendo, portanto, forte influência na formação da identidade e na produção da subjetividade do adolescente contemporâneo. No quarto eles buscam a privacidade e, paradoxalmente, se expõem publicamente para o mundo. Esse espaço é, antes de mais nada, o lugar próprio e de pertencimento do adolescente contemporâneo. É a sua casa dentro da casa.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981
- BANKS, Marcus. **Dados visuais para a pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, Artmed, 2009.
- CARDOSO, Daniel S. A cultura do quarto e o uso excessivo da internet. In Ponte, Cristina *et al.* **Crianças e internet em Portugal**. Coimbra: Minerva Coimbra, 2012.
- COUTINHO, Luciana Gageiro. **Adolescência e errância: destinos do laço social no contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nau: FAPERJ, 2009
- DAYRELL, Juarez. O Jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, 2003, n. 24,p. 40-52.
- DOLTO, Françoise. **A causa dos adolescentes**. São Paulo: Ideias & Letras, 2004
- ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro Zahar, 1976.

KEHL, Maria Rita. **Quem tem moral com os adolescentes?: Duas hipóteses sobre a crise na educação no século XXI.** In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 4., 2002, São Paulo. **Proceedings online...** Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032002000400034&lng=en&nrm=abn>. Access on: 24 Jan. 2016.

KNOBEL, M.; ABERASTURY, A. **Adolescência Normal: Um enfoque psicanalítico.** Porto Alegre: Artmed, 1981.

ROCHA, Ana Paula Rangel; GARCIA, Cláudia Amorim. A Adolescência como Ideal Contemporâneo. **Psicologia Ciência e Profissão**, 2008, 28 (3) 622-631

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

STENGEL, Márcia. **Tradições, Contradições, Transformações: a família sob a ótica de pais de adolescentes.** 2004. Tese de Doutorado – Programa de Ciências Sociais da UERJ. Rio de Janeiro.